EDITORA
UnB

EDUCAÇÃO INFANTIL EM DIÁLOGO

Pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância

Etienne Baldez
Monique Aparecida Voltarelli
(org.)

Pesquisa, Inovação & Ousadia

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Educação infantil em diálogo

Pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância

Etienne Baldez
Monique Aparecida Voltarelli
(org.)

Pesquisa, Inovação & Ousadia

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultora de produção editorial	Percio Savio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Caio Martins Lopes
Diagramação	Beatriz Parente Barreto de Abreu
Foto de capa	Tatiana Syrikova via Pexels.com

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

E24 Educação infantil em diálogo [recurso eletrônico] : pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância / Etienne Baldez, Monique Aparecida Voltarelli, organizadoras. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
227 p. – (Série Pesquisa, Inovação & Ousadia).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-248-4.

1. Educação infantil - Aspectos sociais. 2. Práticas de ensino. I. Barbosa, Etienne Baldez Louzada (org.). II. Voltarelli, Monique Aparecida (org.). III. Título. IV. Série.

CDU 373

Fernanda Cordeiro de Carvalho – Bibliotecária – CRB 1/2339

Pensar as crianças no tempo presente tem sido um desafio, e requer cada vez mais perguntar "quais lugares que as crianças têm ocupado na sociedade, em especial dentro das instituições de educação infantil?", no intuito de pôr em pauta a forma como travamos relações e como construímos práticas educativas com as crianças. Desse modo, dedicamos esta obra a todos profissionais, estudiosos/as, pesquisadores/as da infância, que, assim como nós, têm se preocupado em construir percepções amplas sobre a infância, trocando lentes e olhares anteriores por indagações, incômodos e buscas constantes de aperfeiçoamento nas formas como educamos as nossas crianças.

Dedicamos, em especial, às crianças, que nos ensinam diariamente a nos reinventar, a resistir, a sermos singulares e resgatar nossas potências, nossa ludicidade e nossa esperança por dias melhores, sempre. A todas as crianças que nos inspiram a caminhar e a seguir investindo esforços investigativos para compreendê-las, conhecê-las e aprender com elas formas outras de ver o mundo. Tudo que aqui foi analisado, estudado e refletido não faria sentido se não fosse por elas.

Agradecimentos

A organização e escrita de um livro é resultado de relações que estabelecemos com diversos cenários sociais em que estamos inseridas, com os nossos pares, com o meio acadêmico e com tantas pessoas, espaços, leituras e experiências que configuram nossas trajetórias e vão tecendo construções que carregam nossas compreensões e lutas. Nesse sentido, agradecemos imensamente e carinhosamente a cada autor e autora desta obra, que não mediram esforços para que pudéssemos compor esses diálogos sobre a infância, e que resultam, ainda, de relações que nós organizadoras tivemos a oportunidade de construir nos nossos últimos anos de atuação profissional e por meio das nossas trajetórias de pesquisa.

Propor e concretizar a publicação de um livro é por nós visto e compreendido como um momento de celebração, em forma de abertura e também ponto de partida para revistarmos saberes, para a construção de outros e para seguir investigando. Assim como as crianças, desde o nascimento, nos inspiram para a possibilidade do novo, que possamos por meio desta obra transitar entre as palavras, tropeçar nas construções propostas, brincar com as ideias, desconstruir e construir percepções e, principalmente, compartilhar engajamentos que vislumbrem a efetivação dos direitos das crianças a viverem suas infâncias plurais.

Agradecemos também a todos que nos acompanharam nesse processo, que acreditaram nos possíveis e que inventam conosco outras formas de compreender as práticas educativas com as crianças.

Aos leitores, somos gratas pela confiança no nosso trabalho e os convidamos ao mergulho no conhecimento sobre os estudos da infância a serem explorados nas próximas páginas.

“Que nenhuma opinião seja uma convicção absoluta, imutável.
Que o dia de hoje seja sempre feito da soma das experiências de ontem,
enriquecidas das experiências de amanhã… Somente com essa condição
nosso trabalho nunca será monótono nem sem esperança.”
Janusz Korczak

Sumário

Prefácio 15

Apresentação 17

A educação infantil em pauta: perspectivas e diálogos

Interseccionalidade na área da educação infantil: conceito e ferramenta analítica para o desvelamento sobre infância(s) e as crianças 29
Ana Caroline Irineu
Catarina Moro

A organização do currículo da educação infantil em campos de experiência: o protagonismo das crianças em evidência 39
Rafaelli Norberto Grégio
Giane Lucelia Grotti

Quando o santo de casa não faz milagres: como melhorar a implementação de políticas educacionais a partir do envolvimento dos atores? 47
Cristiano Rogério Alcântara
Gabriela Spanghero Lotta

Saberes da infância e a formação dos profissionais da educação 57
Marcia Cristina Argenti

A especificidade da educação infantil referenciada pela coordenação pedagógica (Brasília, 2020-2022) 67
Débora de Souza Santos
Etienne Baldez

A dimensão moral da avaliação: estereótipos de gênero no contexto da educação infantil **79**
Viviane Fernandes Faria Pinto

Educação infantil e famílias no cenário da revisão de literatura 89
Nazareth Salutto
Maria Alice Barbosa dos Santos

O que dizem os materiais pedagógicos sobre avaliação? 99
Gabriela Scramingnon
Maria Fernanda Rezende Nunes
Marina Castro e Souza

Entre os desafios da proposição, o relato das práticas docentes com projetos na educação infantil (Brasília, 2022-2023) 113
Ligia Almeida Teixeira
Etienne Baldez

Estudos sociais da infância: olhares para a pesquisa para, com e sobre as crianças

Pressupostos teóricos da sociologia da infância nas pesquisas brasileiras 125
Lucas Ramos Martins
Ademilson de Sousa Soares

“De olho na fresta”: encontros da educação infantil com os estudos da infância **135**
Aline Buy dos Santos
Lisandra Ogg Gomes

Gênero e infância: em quais práticas sociais os meninos estão se engajando? **145**
Danielle Atta
Monique Aparecida Voltarelli

Interseccionalidades entre infância, gênero e raça na sociologia da infância brasileira **157**
Andrea Braga Moruzzi
Mayra Silva dos Santos
Vanessa Medianeira da Silva Flôres

Geografia e educação infantil: as crianças e suas relações espaço-temporais **169**
Ana Paula Batista Pina dos Santos
Maria Lídia Bueno Fernandes

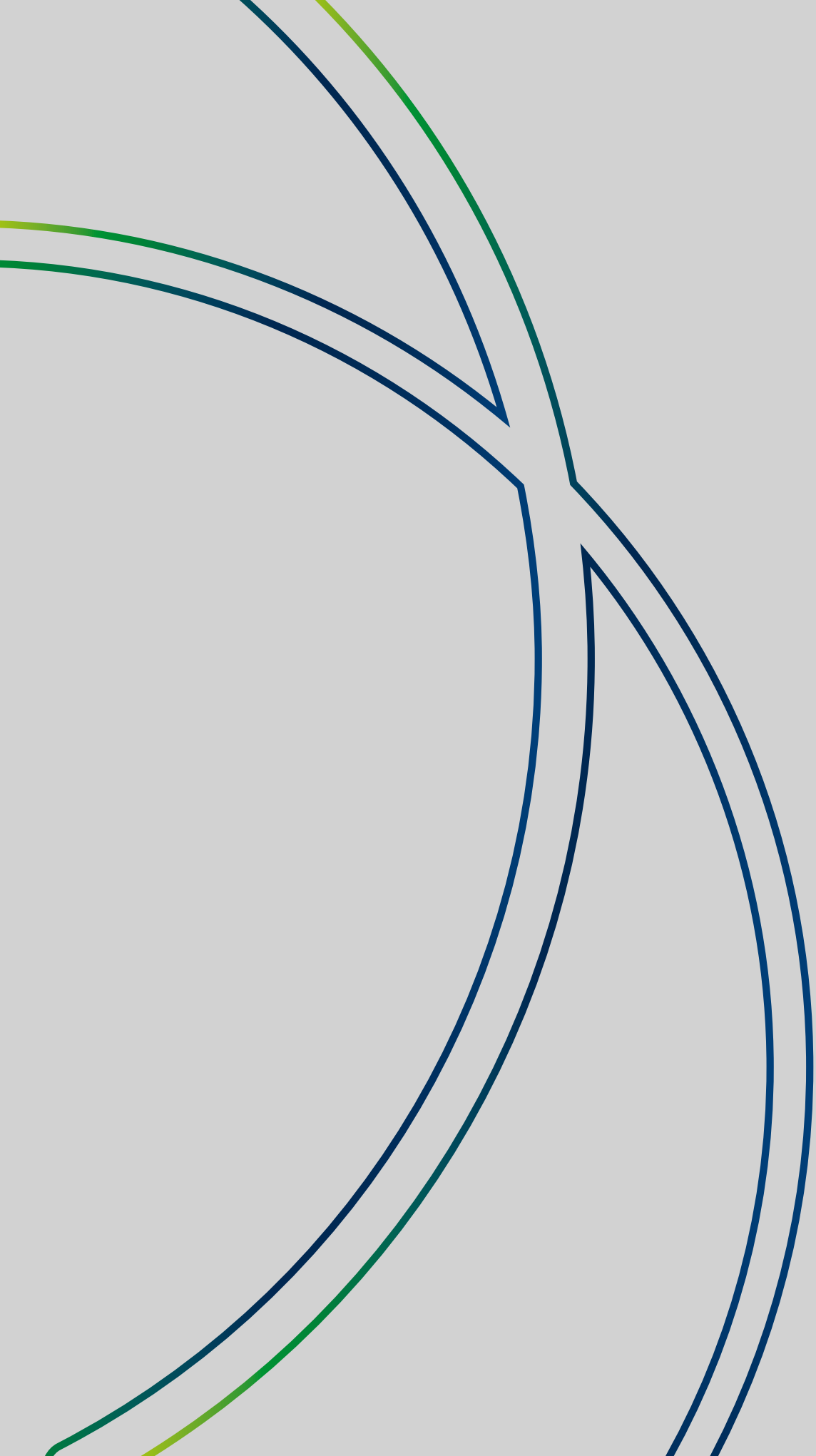
A infância brasileira em um cenário pandêmico **179**
Lara Batomarco Nobre
Laura Brisolara de Albuquerque
Monique Aparecida Voltarelli

Metodologias de pesquisa com crianças: uma experiência na cidade de Brasília **191**
Rhaisa Naiade Pael Farias
Ingrid Dittrich Wiggers

Estudos sociais da infância e migrações internacionais: análise das produções acadêmicas brasileiras do período de 2013-2023 **201**
Flávio Santiago
Taís Aparecida de Moura

Reflexões finais 213

Sobre os autores 217



Estudos sociais da infância: olhares para a pesquisa para, com e sobre as crianças

Gênero e infância: em quais práticas sociais os meninos estão se engajando?

Danielle Atta
Monique Aparecida Voltarelli

Introdução

O presente estudo utiliza os aportes teóricos da sociologia da infância, e parte de uma pesquisa de mestrado realizada através de uma investigação qualitativa por meio de observação participante. Busca-se discorrer sobre as práticas sociais que ocorrem em um Centro de Educação Infantil de uma região administrativa do Distrito Federal,[1] a partir de questionamentos como: de que forma o processo de constituição do gênero é vivido pelos meninos; em quais práticas sociais os meninos estão se engajando para falar que são meninos? Buscou-se encontrar respostas para essas e demais inquietudes acerca das práticas sociais que constituem a noção de gênero para os meninos nas instituições educativas, a partir da pesquisa com as crianças.

Em uma sociedade sexista, na qual uma representante do Estado afirmou que "meninos vestem azul e meninas vestem rosa",[2] onde nas instituições de educação infantil habitualmente são oferecidos brinquedos específicos para meninas e outros para meninos, onde também observa-se o emprego frequente de apelidos que visam rotular as crianças quando assumem posturas ou demonstram comportamentos atribuídos ao gênero oposto, é urgente a necessidade de investigar o processo de educação dos corpos. Pensar a forma como os meninos têm sido educados e cuidados e como essas ações sintetizam a expectativa que a sociedade tem do que é ser menino é imprescindível, pois "necessitamos urgentemente de

[1] A pesquisa foi realizada em Sobradinho, uma das mais antigas regiões do Distrito Federal. Está a 25,7 km de distância do Congresso Nacional, ponto central de Brasília.

[2] Trecho de depoimento da Damares Alves, ex-ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos (Pains, 2019).

uma educação emancipatória que liberte desde cedo as crianças da opressão da norma de expressão de gênero e de sexualidade" (Castro, 2018, p. 79).

Pongeluppe e Milane (2017) ressaltam que

> as subjetividades sexuais dos meninos são fortemente regulamentadas através de pressões, sejam de forma direta ou não, para que eles comecem desde muito cedo a apresentar pequenas versões de hegemonia masculina (Pongeluppe; Milane, 2017, p. 11).

Quais pressões eles sofrem? Quem reforça isso? Quais versões de hegemonia masculina são observadas na atualidade? Essas e outras questões motivaram o desenvolvimento deste estudo, e os resultados da pesquisa são apresentados a seguir.

Conceitos e preconceitos: infância e gênero

Com os estudos realizados no final do século XX, as crianças passaram a ser compreendidas enquanto atores sociais e sujeitos de direitos, e a infância passou a ser considerada como categoria geracional na estrutura social, transformando-a em objeto de estudo do campo científico:

> a infância é uma forma estrutural permanente ou categoria que nunca desaparece, embora seus membros mudem continuamente e sua natureza e concepção variem historicamente (Corsaro, 2011, p. 15).

Atualmente as crianças

> aparecem ativas, críticas, complexas, com competências e habilidades sociais. Elas discutem os problemas que enfrentam na vida familiar, comunitária e escolar (Pechtelidis, 2021, p. 54).

Cabe à sociedade dar ouvidos às suas falas e às suas experiências, não apenas valorizando o que dizem, mas também explorando "a contribuição única que as perspectivas das crianças podem proporcionar à nossa compreensão e teorização acerca do mundo social" (James, 2019 [2007], p. 221).

Entre os marcadores sociais, um tema tem relevante importância dentro das categorias centrais que organizam o mundo social das crianças. Estamos falando da categoria de gênero. Para Duarte (2021), "como categoria analítica, o gênero é uma construção sociocultural que nos permite entender como se constroem as relações sociais e pensar as pessoas como entidades políticas, sociais e culturais, superando determinismos da categoria de sexo" (Duarte, 2021, p. 261). A categoria gênero envolve uma variedade de conhecimentos e elementos sociais e culturais; é central para as crianças, além de ser constituidora das relações, interações e possibilidades de ação social.

Por sua vez, as relações de gênero estão ligadas ao que se considera comportamento apropriado para meninos e meninas, e também influenciam nas formas de brincar, de vestir, de cuidar, de falar, de sentar e até mesmo de demonstrar sentimentos. Nesse mundo estereotipado, o choro e as demonstrações de afetividade, por exemplo, são inibidos desde a infância. Frequentemente, do menino é esperado que, desde muito pequeno, brinque de bola ou carrinhos, seja forte e corajoso, não use rosa, não goste de bonecas e que iniba afetividades e emoções. Desaconselha-se o abraço, substituindo-o pelo aperto de mão. A seleção de brinquedos que são, culturalmente, disponibilizados aos meninos aparenta uma intencionalidade voltada para a força física e poder. Vieira e Finco (2019), utilizando a pesquisa de Belloti (1975), afirmam que os brinquedos de meninos são "um verdadeiro arsenal militar" (Vieira; Finco, 2019, p. 128).

Não é difícil perceber que os corpos dos meninos são afetados por esses processos sociais e culturais por onde circulam ideias, condutas, fantasias, modelos e desejos de masculinidades aceitáveis e não aceitáveis e que, não podemos deixar de constatar, são muito difíceis de serem alcançados (se fosse necessário alcançá-los). Expor as crianças a um universo em que os sentimentos são controlados, ao mesmo tempo que é internalizado que há comportamentos socialmente adequados para crianças do sexo masculino, pode trazer diversas consequências. Especialmente quando pensamos que "ao crescerem tendo contato com um determinado modo de ser homem, as crianças tornam-se, elas mesmas, agentes de transmissão destes elementos culturais" (Viana; Ferrarini, 2016, p. 17).

Discussões de gênero na infância: um olhar para os meninos

Pensar em como os meninos têm sido vistos socialmente é uma questão importante. Para Pongeluppe e Milani (2017)

> eles são autônomos, dinâmicos, seguros, solidários, e por outro lado, podem ser: barulhentos, agressivos, indisciplinados, desobedientes, negligentes, não dependentes de constância de afeto, aprovação e auxílio; não chorões (Pongeluppe; Milani, 2017, p. 11).

No âmbito das relações escolares, Silva e Luz (2010) discorrem sobre a exclusão de meninos de determinadas situações, entre elas as que remetem à dimensão do cuidado, seja das crianças e educadoras para com o ambiente, seja das educadoras para com as crianças. Foi percebido que a organização dos ambientes não era compartilhada com os meninos, que também eram excluídos de ações relativas ao cuidado com o corpo, como, por exemplo, pentear o cabelo: os meninos não participavam "dessa experiência amorosa e de cuidado" (Silva; Luz, 2010, p. 26).

Vieira (2018), ao citar a pesquisa de Aguiar (2016), apresenta o argumento de os meninos serem considerados, em geral, menos higiênicos no uso dos banheiros. Banheiros "são espaços permeados de simbologias que expressam e definem práticas de educação e cuidado

com o corpo e com o meio ambiente" (Silva, 2015, p. 96). Quando se trata de organização de espaços, os meninos recebem rótulos negativos, relacionados ao desleixo, descaso e descuido.

Carvalho (2012) utilizou como exemplo o uso do caderno para analisar as distinções entre meninos e meninas. Nesse estudo, as professoras, ao falarem dos meninos, destacavam a falta de cuidado, a letra esgarçada, a perda, desorganização e sujeira dos cadernos, e até confundiam o caderno quando esse era organizado, classificando-o como caderno de menina.

Ainda na perspectiva educacional, para Viana e Ferrarini (2016): *i)* há queixas sobre os meninos serem mais agitados, violentos, desrespeitosos, sem limites e mais difíceis de educar; *ii)* foi constatado que os meninos têm mais problemas de aprendizagem, desistem mais da escola e recebem diagnóstico de transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) até dez vezes mais que as meninas.

Vianna e Finco (2009) também expõem que as crianças são educadas de modos distintos, e que as características e comportamentos esperados para meninos e meninas são reforçados, talvez inconscientemente, por gestos e práticas cotidianas. É comum que a professora elogie a meiguice das meninas e coloque meninos para carregar algo, por exemplo. Nos registros trazidos nessa pesquisa, a professora reitera que as meninas são suas princesas, doces, e os meninos e rapazes são "mais ativos, gostam de correr, de pular, não param quietos no lugar" (Vianna; Finco, 2009, p. 275), não têm capricho com as atividades, são impacientes e desinteressados.

A pesquisa de Silva (2015) aponta para a atuação dos profissionais homens nas creches e como as ações de cuidado que deveriam realizar (troca de fraldas ou dar banhos, por exemplo) são estereotipadas, questionadas e desaconselhadas, tanto por membros da comunidade escolar e pelas famílias quanto pelos próprios profissionais. "Este educador participa da manutenção de preconceitos acerca da atuação masculina em creches e pré-escolas", escreve o autor, se referindo a um educador que relatou que era um cara alto e gordo e que isso representaria um problema para que as famílias o aceitassem como trabalhador da creche (Silva, 2015, p. 71). O próprio educador afirmou que não gostaria que um homem cuidasse de seus filhos. Essas falas legitimam os lugares ocupados pelos homens, separando-os da dimensão do cuidado, e trazem uma reflexão ainda mais perigosa: "a figura masculina no espaço dos banheiros, a partir de preconceitos estabelecidos socialmente, configura-se como um potencial abusador" (Silva, 2015, p. 71), problematiza o autor ao citar Silva (2014).

Carvalho (2020) destaca que existe, entre meninos e meninas, uma igualdade no acesso à escolarização, porém, durante a progressão da escolaridade, eles vão ficando para trás, especialmente rapazes pobres e negros: "onde há reprovação, os meninos reprovam mais" (Carvalho, 2020, p. 2). Com a reprovação, vem a defasagem idade-série e, com ela, a evasão. No fim das contas, é maior o número de meninas tanto no ensino fundamental II, quanto no ensino médio e superior e, assim, as mulheres acabam com mais anos de estudos.

As explicações para essas situações pontuais apontam para a forma como o gênero é, muitas vezes, compreendido em nosso contexto social, e podem estar relacionadas com a forma como os corpos dos meninos são educados, moldados e disciplinados. Se não fosse assim, as meninas teriam as mesmas dificuldades dos meninos. Os meninos têm seus sentimentos

reprimidos, controlam seus choros, são direcionados ao mundo externo, carregam peso, são dispersos, agitados, rebeldes, precisam gastar energia e, ainda, são cuidadores/protetores (de meninas). Apesar de discursos igualitários, as expectativas, as práticas, as responsabilidades e, acrescenta-se, os estímulos são muito diferentes entre os meninos e as meninas.

Perspectivas a partir da pesquisa de campo

A pesquisa foi realizada com as crianças da pré-escola no período de março a outubro de 2022, após a aprovação do comitê de ética, em uma instituição educativa de Sobradinho. Nesta parte do texto, apresentam-se as cenas registradas no Centro de Educação Infantil, a partir da observação participante, com registro em diário de campo de fotografias e transcrição das falas das crianças, as quais foram atribuídos nomes fictícios para preservar suas identidades. A leitura dos relatos não deve prescindir do fato de que o uso das vozes das crianças deve considerar os contextos culturais em que foram produzidos, evitando deturpações e moldes, caso contrário elas serão mascaradas e sobrepostas pelo conhecimento do adulto e não da própria criança.

Cena um: "Estamos brincando de pais. Tem um pai e outro pai"

> Saindo do quintal fomos para o parque de areia. Bruno, Nilo e Nico iniciaram nova brincadeira. De longe pude ouvir Nico dizer: "Vem filho!". Bruno se aproximou de mim e perguntei do que brincavam. Ele explicou: "Estamos brincando de pai. Tem um pai e outro pai. E o João é um lobisomem". Durante a brincadeira os três permaneciam juntos. Conversavam. De vez em quando um falava: "vem filho". Em um momento pareciam escovar os dentes. Em outro, faziam comida (Diário de campo, 27 abr. 2022).

A interação exposta acima deixa claro que a realidade segue escapando das categorias ortodoxas e dos padrões pré-estabelecidos, e reitera que as relações de gênero não são um sistema mecânico. A ação das crianças é a todo momento inventiva e criativa, e há sempre movimento para espaços históricos nunca antes, ou não comumente, ocupados.

Os meninos estão se engajando na atividade de faz de conta "brincar de casinha", e estabelecem uma relação com a paternidade – isso é muito novo e positivo, pois esse pertencimento impacta nos modos de vida das crianças, permitindo novas possibilidades de interação e reinterpretação de valores. Observa-se que a representação do masculino que se evidencia é ligada ao afeto, à abertura emocional, à proteção, à responsabilização com as necessidades e ao cuidado. Papéis sociais, muitas vezes restritos – historicamente – ao grupo das mulheres, como a atenção com a higiene dos dentes e com a comida, aparecem compartilhados.

Cena dois: "Não pode ir muito rápido. Não pode ir muito rápido."

> A professora pegou a bolinha do "Totó" pela primeira vez […] Os meninos sorriam, giravam as barras, pulavam e gritavam, tudo ao mesmo tempo.

> […] Diante da confusão que se instalou, Duda e Ana se distanciaram. Assim como Léo. Lucas, eufórico, mesmo sem acertar na bolinha, repetia com voz estridente e surpreendentemente aguda: "Eu ganhei, eu ganhei, eu ganhei. Ahhhh…". Certo momento, apesar dos colegas estarem girando energicamente as barras, João retirou a bolinha da mesa e segurando-a na mão, disse: "pera, ge, ge, gente, gente deixa eu falar, não pode ir muito rápido. Não pode ir muito rápido". Nico, pulando, gritou: "tá muito rápido". João disse: "Não". Nico gritou "Sim" repetidas vezes. Ao que João respondeu: "então, então não pode". Nesse momento a educadora, que acompanhava de longe a brincadeira, determinou: "vai João, brinca". E a criança soltou a bola. Assim, Lucas, Nico, João, Daniel e Téo continuaram o "futebol" tendo João como uma espécie de líder – que pegava a bolinha, quando essa caia no gol e a colocava no centro do brinquedo novamente. Nesses momentos a brincadeira se transformava numa grande disputa, um puxava a bolinha da mão do outro querendo colocá-la mais rápido no centro (Diário de campo, 3 jun. 2022).

O relato remonta às atitudes nas quais os meninos comumente se engajavam durante as observações registradas: conflitos de oposição e disputa por território. Momentos que envolviam brincadeiras com bola, fosse no totó, basquete ou na piscina de bolinhas, eram particularmente conflituosos, e traziam à tona agressividade, demonstração de força física e, por vezes, violência.

Para Vianna e Finco (2009), há uma pressão social instigando os meninos a gostarem de futebol, a terem um time e praticarem o esporte:

> meninos são como que obrigados a gostar de futebol. Pais, mães, amigos e amigas e até educadores/as exercem uma 'pressão social' para que pratiquem essa modalidade (Vianna; Finco, 2009, p. 278).

E, atualmente, esse esporte está permeado por situações conflituosas.

Cruz e Carvalho (2006) afirmam que violência e agressividade permeiam as relações que os seres estabelecem, sejam adultos sejam crianças, e que todo conflito implica oposição e luta e são carregados de agressividade. O conflito, de maneira geral, é uma

> manifestação de interesses diferentes e/ou contrários, em que um dos lados procura superar a resistência do outro visando à realização do seu interesse, quer por meio de cooptação e convencimento, quer pela anulação do interesse do outro (Cruz; Carvalho, 2006, p. 121).

Não naturalizar a violência, a agressividade e a segregação é um grande desafio. A cultura é muito poderosa no processo de configuração das experiências emocionais. Costumes, adquiridos mediante anos de socialização e que começam nos primeiros anos de vida, persistem enraizados nas novas gerações; são automatizados, performados e incorporados, e pode levar muito tempo para serem mudados.

Ao contrário da interação da cena um, Estamos brincando de pais. Tem um pai e outro pai, na cena acima restou evidente a relação de poder. As ações remontam à força, ao embrutecimento afetivo, à insensibilidade, à destreza e à tática. Quão positivo essas brincadeiras são?

Cena três: "Esse balão azul é de mim"

> Nilo, João, Duda e Bia interagiam com o encarte colado na mesa. João: "Esse balão rosa é seu", disse olhando para Duda, "esse balão azul é de mim". Pesquisadora: "Você gosta de balões?" João respondeu: "Gosto". Pesquisadora: "Qual a cor desse?" João: "Esse rosa é de menina. Esse é azul de menino". Pesquisadora: "E esse amarelo?" João ficou pensativo e respondeu: "O amarelo é de alguma pessoa" (Diário de campo, 27 abr. 2022).

Cena quatro: "Eu ganhei de menino"

> A professora distribuiu as tesouras aleatoriamente. João recebeu uma cor de rosa e disse: "olha, ganhei uma tesoura de menina". Nico: "Eu ganhei de menino", e mostrou sua tesoura verde. Bruno então falou: "Não tem nada disso… menina tem borracha e coisas de todas as cores". Ao final da atividade João repetiu: "minha tesoura é de menina" (Diário de campo, 24 jun. 2022).

João, nas cenas anteriores, faz a separação das cores como se houve a possibilidade de existir cores de meninos e cores de meninas. Em suas colocações, fica evidenciada a interferência da cultura e do reforço negativo que alguns adultos trazem nos discursos e que encaminham meninos e meninas para lados distintos. Nesse sentido, não se pode perder de vista que, conforme afirmam Vianna e Finco (2010), "as preferências […] são construções sociais e históricas" (Vianna; Finco, 2010, p. 269).

Será a natureza dos contextos e das relações sociais que estabelecem e participam que conduzirá a pessoa a se comportar de determinada maneira. Esses contextos e relação também servirão para que as crianças construam suas próprias identidades.

Nos registros acima, percebe-se o conhecimento que os meninos traziam sobre gênero e como esse conhecimento foi externado por um deles: rosa é de menina; azul e verde, de menino. Essa fala apresenta-se intimamente imbricada com o panorama político e social vivido no país, especialmente entre os anos de 2019 e 2022, em que forças políticas legitimavam a separação entre homens e mulheres, e em seus discursos buscavam minar o debate acerca de gênero – e de sexualidade – mistificando-o.

A cena quatro, Eu ganhei de menino, entretanto, mostra posicionamentos diferentes entre os meninos e nos traz um alento. Para um deles o simples fato de a tesoura ser da cor rosa faz com que o objeto seja considerado de menina. A outra criança retruca "não tem nada disso… Menina tem borracha e coisas de todas as cores". Nas entrelinhas desse rico discurso, entende-se que Bruno não apenas valida a possibilidade de João ter uma tesoura rosa como amplia o debate afirmando que as meninas podem ter objetos de qualquer cor.

Parece ser cada vez mais real a afirmação de Butler, trazida por Connell e Pearse (2015): "o gênero é 'praticável', trazendo à existência as identidades por meio de ações repetitivas, em vez de serem a expressão de uma realidade preexistente" (Connell; Pearse, 2015, p. 141).

Vianna e Finco (2009) trazem a importância de se refletir acerca de afirmações sexistas como as trazidas por João. Isso "exige o questionamento de suas origens e do peso do caráter biológico na construção das diferenças", e indagações "a respeito da interferência e do papel da cultura nos processos de socialização e de formação de meninas e meninos", uma vez que "as preferências não são meras características oriundas do corpo biológico, são construções sociais e históricas" (Vianna; Finco, 2009, p. 268-269). Essas construções são reforçadas pelos adultos nos discursos, nos gestos e práticas do dia a dia.

Cena cinco: "Escolhi uma menina porque eu gosto de menina"

> A atividade que se iniciou consistia em escolher entre um desenho de uma menina ou menino, pintar e posteriormente colar dentes feitos de EVA. Na distribuição dos desenhos os meninos escolheram imagens de meninos – exceto Nico e as meninas, imagens de meninas. Perguntei o motivo das escolhas. As respostas variaram: "Porque é bo … é muito bonito!", "Porque eu não queria menino não. Eu queria menina.", "Eu escolhi um menino. As duas são as meninas então escolheram as meninas.", "Porque eu sou uma menina.". Nico escolheu o desenho de uma menina. As meninas do grupo ao lado reclamaram. Ana: "Se você é menino precisa escolher um menino". Perguntei a Nico qual desenho ele tinha escolhido: "escolhi uma menina porque eu gosto de menina" falou baixinho, mas feliz (Diário de campo, 19 mai. 2022).

Sabe-se que os estereótipos que estabelecem comportamentos diferenciados para os meninos e para as meninas são construídos culturalmente. Normalmente são os adultos que o fazem. A cena acima demonstra, porém, que as crianças também podem fazer essa distinção. Não poderia ser diferente visto que

> a escola é um aparelho que reflete a sociedade e vice-versa, em um processo dialógico e também de produções e reproduções, sejam elas positivas ou não (Vieira, 2018, p. 38).

Nesse sentido, é importante considerar que as crianças percebem, sim, as diferenças de gênero, porém a interpretação que farão dessas diferenças dependerá das informações que receberem sobre aquele assunto (tanto no âmbito familiar quanto institucional) e das interações que estabelecerem com seus pares e com os adultos.

Nico, aparentemente, vê e vive o processo de identificação de gênero de forma muito tranquila, e mostra que é possível pensar uma educação que produz diferenças e não desigualdade, mesmo que isso seja desafiador, especialmente para ele: "embora crianças de ambos os sexos sejam alvos de atos regulatórios, percebe-se que esses são bem mais constantes quando se trata de acontecimentos envolvendo meninos" (Guizzo, 2007, p. 40). Dos meninos ainda é

cobrado, desde muito cedo, demonstrações de masculinidade hegemônica que implica, entre outras coisas, não serem comparados às meninas – em alguns casos é ensinado a terem "certa aversão a tudo aquilo que se aproxima da feminilidade" (Guizzo, 2007, p. 41).

Evidencia-se que alguns meninos não se importam com os limites preestabelecidos para o sexo masculino. Eles resistem às pressões das expectativas, ressignificam relacionamentos, desafiam as normas, criam novas práticas, iniciam discussões e não se incomodam com os julgamentos que advém, às vezes, dos próprios pares: "se ele é menino, tem que escolher um menino".

Para Vianna e Finco (2009), ao citarem Frangella (2000), existem práticas disciplinares que são usadas para controlar os corpos:

> há um aparato instrumental e institucional que busca constantemente disciplinã-lo quando busca fugir e escapar, seja por meio de mecanismos repressivos, seja por um discurso que impõe às crianças uma imagem estigmatizada de si mesmas (Vianna; Finco, 2009, p. 268-269).

No registro acima, a fala de Ana remonta a esse aparato e à distinção biológica dos sexos, reforçando a visão binária, histórica e padrão que muitas vezes explica o mundo pelas oposições e propõe a limitação das escolhas e padronização das vontades, das cores, dos brinquedos, das interações, do corpo.

Nico, porém, brinca entre os mundos, satisfeito com sua escolha, feliz em colorir a situação com as cores das quais gosta. Para Connell e Pearse (2015), as crianças

> acham o gênero interessante e, às vezes, empolgante. Transitam dentro e fora de agrupamentos baseados em gênero. Às vezes, sustentam e, às vezes, movem-se entre fronteiras de gênero. Até brincam com e contra a dicotomia de gênero. O gênero é importante em seu mundo, mas como uma questão humana com a qual lidam e não como um quadro fixo que as reduz a marionetes (Connell; Pearse, 2015, p. 57).

As crianças experienciam várias situações "generificadas" e constroem suas próprias explicações para elas, estabelecem suas regras, reclamam, brincam, fantasiam, criam suas próprias perspectivas e as sistematizam. Aos adultos, cabe reconhecer a capacidade simbólica e a constituição das representações e crenças das crianças, possibilitando a produção de cultura – que só vai ocorrer quando for permitido que as crianças se relacionem com o mundo das mais variadas formas, respeitando seu desenvolvimento e especificidades.

Considerações finais

Ficou evidenciado que as crianças trazem de casa tanto a ideia de que meninos e meninas são iguais quanto a de que são diferentes. A interação na cena cinco, Eu ganhei de menina, mostra isso: por um lado, João verbalizou que estava com um objeto de menina, e Bruno, por

outro lado, conclui que isso não era relevante, porque as possibilidades e liberdades são comuns a meninos e meninas. A mesma criança (Bruno), em companhia de seus dois colegas no episódio da cena um, Estamos brincando de papais, subvertem a masculinidade que lhes é imposta e, de forma livre, brincam de papai, exaltando ações de cuidado, sensibilidade e afetividade.

É possível afirmar que as crianças estão ressignificando o debate sobre gênero e, a partir de suas interações, trazendo novos rumos para os diálogos ligados à temática. Cabe constatar que a temática não se esgota e essas considerações não são – e não podem ser – finais, pois a tentativa de homogeneizar a infância e as crianças precisa ser combatida.

Olhar para as liberdades, a construção das identidades, a superação das lógicas dicotômicas e segregadoras, demanda dos e das pesquisadoras – e também vai requerer dos e das profissionais da educação – a subverterem seus pensamentos, trazendo novos discursos e práticas que sejam abertas e acolhedoras e se construam através das interações vividas no dia a dia da instituição e não previstas, prescritas e saídas de manuais – até porque lidam com as subjetividades de crianças ainda muito pequenas.

O espaço pré-escolar é um universo singular de contato com a diversidade especialmente construído para as crianças pequenas e, justamente por isso, ideal para discussão das questões de gênero, um espaço que "tem um papel formador que é fundamental para a constituição do desenvolvimento integral dessas crianças" (Vieira, 2018, p. 17). Quando houver o entendimento que o cuidar do outro é uma questão humana e não uma questão de gênero, haverá, de fato, desenvolvimento integral e significativa mudança nas práticas sociais.

Referências

CARVALHO, M. P. *Entrevista Marília Carvalho*. [Entrevista cedida a] Maurício Ernica e Viviane Ramos. Portal Idea: 28 mai. 2020. Disponível em: https://fundacaotidesetubal.org.br/novidades/portal-idea-entrevista-mar%C3%ADlia-carvalho/. Acesso em: 8 abr. 2024.

CARVALHO, M. P. O conceito de gênero no dia a dia da sala de aula. *Revista de Educação Pública*, v. 21, n. 46, p. 401-412, 2012. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/416. Acesso em: 8 abr. 2024.

CASTRO, S. O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas. *Revista Aprender*. v. 12, p. 75-82, 2018. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/4552. Acesso em: 8 abr. 2024.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, v. 21, n. 1, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 8 abr. 2024.

CONNELL, R.; PEARSE, R. *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: Inversos, 2015.

CORSARO, W. A. *Sociologia da Infância*. São Paulo: Artmed, 2011.

CRUZ, T. M C.; CARVALHO, M. P. Jogos de gênero: o recreio numa escola de ensino fundamental. *Cadernos Pagu*, n. 26, p. 113-143, 2016. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644738. Acesso em: 8 abr. 2024.

DUARTE, V. Gênero/ Gender. *In:* TOMÁS, C.; TREVISAN, G.; CARVALHO, M. J. L.; FERNANDES, N. (org.). *Conceitos-chave em Sociologia da Infância*: Perspectivas Globais. Braga: Uminho, 2021.

GUIZZO, B. S. Identidades de gênero masculinas na infância e as regulações produzidas na Educação Infantil. *Revista Ártemis*, v. 6, p. 38-48, 2007. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/2123. Acesso em: 8 abr. 2024.

JAMES, A. Giving voice to children´s voice: practices and problems, pit falls and potentials. *Revista Zero-a-Seis*, v. 21, n. 40, p. 219-248, 2019. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2019v21n40p219/41862. Acesso em: 8 abr. 2024.

PAINS, C. "Menino veste azul e menina veste rosa", diz Damares Alves em vídeo. *O Globo*, 2019. Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/menino-veste-azul-menina-veste-rosa-diz-damares-alves-em-video-23343024. Acesso em: 05 abr. 2024.

PECHTELIDIS, I. A criança como ator social. *In:* TOMÁS, C.; TREVISAN, G.; CARVALHO, M. J. L.; FERNANDES, N. (org.). *Conceitos-chave em Sociologia da Infância*: Perspectivas Globais. Braga: Uminho, 2021.

PONGELUPPE, M. A. B.; MILANI, D. R. C. A masculinidade hegemônica advinda dos enredos midiáticos: um jeito de ser masculino. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 28, n. 2, p. 8-16, 2018. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/17. Acesso em: 8 abr. 2024.

SILVA, I. O.; LUZ, I. R. Meninos da educação infantil: o olhar das educadoras sobre a diversidade de gênero. *Cadernos Pagu*, v. 34, p. 17-39, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cpa/a/HWLCtRczHVNcV4HcHcXbZ6R/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 8 abr. 2024.

SILVA, T. J. *Organização e utilização dos espaços físicos na educação infantil*: um estudo sob a ótica do gênero. Guarulhos: Unifesp, 2015.

VIANA. M. A.; FERRARINI, N. A Lacuna moral na educação de meninos: o impacto das novas configurações de masculinidade na subjetividade infantil. *PsicoFAE*, v. 5, n. 1, p. 13-30, 2016. Disponível em: https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/download/85/52. Acesso em: 8 abr. 2024.

VIANNA, Cl.; FINCO, D. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. *Cadernos Pagu*, v. 33, p. 265–283, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cpa/a/GXVR8FrdMjrcWHvLWcv7xrF/#. Acesso em: 8 abr. 2024.

VIEIRA, R. A. *"Sinto falta de uma menina pra acalmar esses garotos"*: desafios do trabalho educativo em uma turma de meninos na Educação Infantil. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de São Paulo, 2018.

VIEIRA, R. A.; FINCO, D. "Sinto falta de uma menina para acalmar esses garotos": a importância de refletir sobre as questões de gênero na educação infantil. *In:* SILVA, A. A.; FARIA, A. L. G. F.; FINCO, D. *Isso aí é racismo!* Feminismo em estado de alerta na educação das crianças pequenas: transformações emancipatórias para pedagogias descolonizadoras. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.

Sobre as organizadoras

Etienne Baldez



Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB), atuando como docente no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) e no Programa de Pós-graduação em Educação Modalidade Profissional (PPGEMP). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre os Estudos Sociais da Infância (Gepesi). Integra o Grupo de Pesquisa em História e Historiografia da Educação da Universidade de Brasília (Gruphe). Realiza estudos de história da infância e história da educação infantil no Brasil. E-mail: etienne.baldez@unb.br

Monique Aparecida Voltarelli



Professora adjunta da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação Modalidade Profissional (PPGEMP) da Universidade de Brasília (FE/UnB). Membro do Grupo de Sociología de la Infancia y la Adolescencia (GSIA) e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre os Estudos Sociais da Infância (Gepesi) da Universidade de Brasília. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorado sobre a participação infantil na América Latina pela Universidade de São Paulo (FEUSP) e em direitos das crianças pela Universidade de Ciências Aplicadas de Potsdam, Alemanha. Realiza estudos no campo dos estudos sociais da infância, pesquisando temas como participação infantil, direitos das crianças, educação infantil e infância na América Latina. Email: mvoltarelli@unb.br

Sobre os autores

Ademilson de Sousa Soares

Professor associado da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na graduação e pós-graduação. Graduado em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), com doutorado em educação pela UFMG e pós-doutorado em pesquisas sobre políticas para a educação infantil na PUC Minas. E-mail: pacosoares@ufmg.br.

Aline Buy dos Santos

Mestre em educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ) e professora do Centro de Referência em Educação Infantil Realengo do Colégio Pedro II (Creir/CPII). E-mail: alinebuy2@gmail.com.

Ana Paula Batista Pina dos Santos

Mestre em educação na linha de pesquisa Escola, Aprendizagem, Ação Pedagógica e Subjetividade na Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB). Graduada em pedagogia pela UnB e em administração pela Universidade Paulista (Unip). Especializada em psicopedagogia pela Universidade Católica de Brasília (UCB) e em orientação educacional e vocacional pela Faculdade do Distrito Federal (FACDF). É membro do Grupo de Pesquisa Sujeitos, Territórios e a Construção do Conhecimento. Atua como coordenadora pedagógica da educação infantil do Colégio Marista João Paulo II, no Distrito Federal. E-mail: anapaulabatistapina@gmail.com.

Andrea Braga Moruzzi

Docente de graduação em pedagogia e de pós-graduação em educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Líder do grupo de pesquisa Infâncias e Feminismos (Infemis). Pesquisa sobre infância, sociologia da infância, gênero e feminismos. E-mail: marcia.argenti@unesp.br.

Catarina Moro

Professora associada do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (Nepie). Atua como editora chefe da Educar em Revista (UFPR). É bacharel e licenciada em psicologia, especialista em educação infantil, mestre em psicologia da infância e da adolescência e doutora em educação pela UFPR. Atua principalmente nos seguintes temas: práticas educativas para/com a pequena infância, avaliação de contexto e políticas públicas em educação infantil. E-mail: moro.catarina@gmail.com.

Cristiano Rogério Alcântara

Graduado em pedagogia em gestão escolar pelo Centro Universitário de Santo André (2004) e em letras – português e literaturas de língua portuguesa pela Universidade de Franca (2014). Mestre em ciência da informação e documentação pela Universidade de São Paulo (2009). Doutor em língua portuguesa (2015) e pós-doutor em psicologia da educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2022). E-mail: cralcantara@uol.com.br.

Danielle Atta

Mestre em educação pela Universidade de Brasília. Graduada em história e pedagogia e pós-graduada em políticas públicas, infância, juventude e diversidade e em educação infantil. Pedagoga e orientadora educacional na Secretaria de Educação do Distrito Federal. E-mail: danielleatta2@gmail.com.

Débora de Souza Santos

Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Mestre em educação na modalidade profissional pela Universidade de Brasília. Especialista em educação infantil na perspectiva histórico-cultural e graduada em pedagogia. E-mail: deborag7@hotmail.com.

Flávio Santiago

Pesquisador em nível de pós-doutorado na Universidade Federal de Juiz de Fora. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa Sociologia da Infância e Educação Infantil (Gepsi/USP) e no Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância (Grupegi). E-mail: santiagoflavio2206@gmail.com.

Gabriela Barreto da Silva Scramingnon

Professora adjunta do departamento de didática da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Doutora em educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio, 2017). Mestre em educação pela Unirio (2011). Integrante do grupo de pesquisa Educação Infantil e Políticas Públicas (Eipp/Unirio). Integrante do grupo de pesquisa Infância, Formação e Cultura (Infoc/PUC Rio). E-mail: gabriela.scramingnon@unirio.br.

Gabriela Lotta

Professora e pesquisadora de administração pública e governo da Fundação Getulio Vargas (FGV). Doutora em ciência política pela Universidade de São Paulo (USP), mestra e graduada em administração pública pela FGV. Coordenadora do Núcleo de Estudos da Burocracia (NEB). Docente da Escola Nacional de Administração Pública (Enap). Pesquisadora do Centro de Estudos da Metrópole (CEM). Coordenadora da área temática Estado e Políticas Públicas da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) e diretora da pesquisa da Associação Nacional de Ensino e Pesquisa do Campo de Públicas (Anep/CP). Email: gabriela.lotta@fgv.br.

Giane Lucelia Grotti

Doutora em educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Especialista em metodologia do ensino pré-escolar e fundamental pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Pedagoga formada pelo Centro de Estudos Superiores de Londrina (Cesulon), atualmente Centro Universitário Filadélfia (Unifi). Coordenadora do curso de pós-graduação lato sensu em educação infantil e professora do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Acre. Atua na área de políticas e currículo para infância, educação infantil e história do atendimento à infância. E-mail: giane.grotti@ufac.br.

Ingrid Dittrich Wiggers

Doutora em educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora titular da Universidade de Brasília. Atua no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília. Líder do Imagem – Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação. E-mail: ingridwiggers@gmail.com.

Lara Batomarco Nobre

Graduada em pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB, 2023). Atualmente, é estudante de pós-graduação em psicopedagogia e neuroeducação, e

se especializa em psicanálise infantil na Associação Brasileira de Medicina Psicossomática (ABMP-DF). É membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Sobre os Estudos Sociais da Infância (Gepesi). Atua como auxiliar do desenvolvimento infantil no Ministério da Saúde. E-mail: nobrelara@hotmail.com.

Laura Brisolara de Albuquerque

Pedagoga pela Universidade de Brasília (UnB), pós-graduanda em alfabetização e letramento pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Sua pesquisa no Pibic-UnB foi sobre os impactos da pandemia da covid-19 na educação infantil. E-mail: laurabrisolara@gmail.com.

Lígia Almeida Teixeira

Graduada em pedagogia pela Universidade de Brasília (UnB). Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Mestranda em educação na modalidade profissional (PPGE/UnB). E-mail: ligiateixeira11@gmail.com.

Lisandra Ogg Gomes

Professora associada da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação (Proped) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Procientista na Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e na Uerj. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Território dos Estudos da Infância. E-mail: lisandraogg@yahoo.com.br.

Lucas Ramos Martins

Doutor e mestre em educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social (PPGE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduado em pedagogia pela mesma instituição. Integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (Nepei/UFMG). Atua como professor no Departamento de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg). E-mail: lucas.martins@uemg.br.

Marcia Cristina Argenti

Livre docente em estudos da infância na Universidade Estadual Paulista (Unesp), doutora e mestra em psicologia pela Universidade de São Paulo (USP) e pedagoga na Unesp. Pesquisadora e docente do Departamento de Psicologia da Educação da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância,

Família e Escolarização (Gepife). Docente no Programa de Pós-graduação em Educação Escolar (acadêmico) e no Programa de Pós-graduação em Educação Sexual (profissional) da Unesp. Desenvolve atividades nas áreas temáticas da infância, família e escolarização. E-mail: marcia.argenti@unesp.br.

Maria Alice Barbosa dos Santos

Graduanda em pedagogia na Universidade Federal Fluminense (UFF). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Infância, Bebês e Crianças (Gerar). Bolsista do Programa de Iniciação Científica da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Pibic/Faperj). E-mail: mariaalicebarbosadossantos@id.uff.br.

Maria Fernanda Rezende Nunes

Professora titular-livre em educação infantil do Departamento de Didática e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Tem experiência na área de educação, com ênfase em educação infantil, atuando principalmente nos seguintes temas: política pública, formação, alfabetização e currículo. Participante do programa Cientista do Nosso Estado (CNE) da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj, 2021). Coordena o grupo de pesquisa Educação Infantil e políticas públicas (Eipp). E-mail: maria.f.nunes@unirio.br.

Maria Lídia Bueno Fernandes

Geógrafa. Docente do curso de pedagogia e professora e pesquisadora no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília (UnB). Líder do Grupo de Pesquisa Sujeitos, Territórios e a Construção do Conhecimento (GPS). Integrante da Rede latino-americana de pesquisa e reflexão com crianças e jovens (Reir). Trabalha com temas relacionados à geografia da infância e da juventude. E-mail: lidia_f@uol.com.br.

Marina Pereira de Castro e Souza

Professora adjunta do Departamento de Formação de Professores, na área de educação infantil, na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente é vice coordenadora do grupo de pesquisa Educação Infantil e Políticas Públicas (Eipp), na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Pesquisa os seguintes temas: educação inclusiva, medicalização e estudos da deficiência. Integrante da Rede Nacional de Pesquisas em Saúde Mental de Crianças e Adolescentes (Rede Pq-SMCA). E-mail: mpcastros@yahoo.com.br.

Mayra Silva dos Santos

Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pós-graduanda em educação especial com ênfase em educação inclusiva pelo Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG). Integrante e pesquisadora dos grupos de pesquisa Infâncias e Feminismos (Infemis) e Educação e Relações Étnico-Raciais, da UFSCar. Suas pesquisas estão relacionadas à formação e trabalho docente, raça e gênero. E-mail: mayra.silva9152@gmail.com.

Nazareth Salutto

Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Programa de Extensão Educação Infantil: infância, formação e sociedade. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Infância, Bebês e Crianças (Gerar). E-mail: nazarethssalutto@gmail.com.

Rafaelli Norberto Grégio

Graduada em pedagogia e mestre em educação pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Já atuou como professora substituta da Ufac. Professora da educação infantil há 15 anos. E-mail: rafaelligregioac@gmail.com.

Rhaisa Naiade Pael Farias

Doutora em educação pela Universidade de Brasília (UnB). Participou do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) na Queensland University of Technology. Tem pós-graduação lato sensu em docência na educação infantil e graduação em pedagogia com habilitação em educação infantil pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Atualmente é docente no curso de pedagogia na modalidade a distância do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) e professora substituta na UnB. E-mail: rhaisapael@yahoo.com.br.

Taís Aparecida de Moura

Docente efetiva do Departamento de Educação (Deduc) da Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg). Coordenadora do Grupo de Investigação de Infâncias e Linguagens (Giil/Uemg) e pesquisadora em nível de pós-doutorado em artes na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), cuja pesquisa versa a respeito das visualidades e processos estéticos das salas de aula de alfabetização. E-mail:tais.moura@uemg.br.

Vanessa Medianeira da Silva Flôres

Pedagoga. Especialista em gestão educacional e docência na educação infantil. Mestra em educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutoranda em educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Integrante e pesquisadora dos grupos de pesquisa Infâncias e Feminismo (Infemis), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infâncias e Educação Infantil, da UFPR. Suas pesquisas estão relacionadas a gênero e infâncias, educação infantil, práticas pedagógicas e relações étnico-raciais. Professora da Rede Municipal de Educação de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. E-mail: vanessaf.educ@gmail.com.

Viviane Fernandes Faria Pinto

Doutora em educação, mestre em processos de desenvolvimento humano e saúde, especialista em desenvolvimento psicológico e inclusão escolar e graduada em pedagogia pela Universidade de Brasília (UnB). Foi assessora pedagógica em projetos de formação inicial de professores do Ministério da Educação (MEC), orientadora educacional da Secretaria de Educação do Distrito Federal e pesquisadora do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Atualmente é professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. E-mail: viviane.educ@gmail.com.

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

EDUCAÇÃO INFANTIL EM DIÁLOGO

Pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância

Educação Infantil em diálogo: pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância é uma coletânea composta por textos de pesquisadoras e pesquisadores de diversas regiões do Brasil, que têm constituído o campo de estudos da infância, articulando uma teia científica preocupada com as crianças e a infância contemporânea. Parte dessa teia tem sido tecida no âmbito das pesquisas realizadas pelo Grupo de Estudos e Pesquisa sobre os Estudos Sociais da Infância (GEPESI/UnB), da Universidade de Brasília, e dos diálogos que o grupo têm travado com diferentes áreas do conhecimento humano e seus pesquisadores, tendo como eixo central também as crianças (sujeitos históricos, atores sociais, produtoras e participantes ativos na cultura) e a pluralidade da infância. Assim, o livro busca reunir contribuições teóricas e metodológicas que permitam pesquisadores, estudiosos e profissionais que atuam com a infância, em especial na educação delas, de forma a ampliar olhares, saberes e instigar novos "quereres" por assim dizer no trabalho com as crianças pequenas. Almejamos proporcionar ao leitor reflexões e provocações, por meio de um pensamento dialético e complexo, que questionem nossas práticas, que revejam nossas posturas, que nos inspirem na realização de nossas pesquisas e principalmente que nos permita abrir possibilidades para conhecer e nos relacionarmos de forma mais respeitosa e potente com as crianças.

EDITORA UnB

Pesquisa, Inovação & Ousadia